

ENTRE MEDOS E SILÊNCIOS: AS DIFICULDADES E CONQUISTAS DO GRUPO PET INTERDISCIPLINAR NO ENFRENTAMENTO DA LGBTFOBIA NAS ESCOLAS DE BELÉM-PA

BETWEEN FEARS AND SILENCES: THE DIFFICULTIES AND ACHIEVEMENTS OF THE INTERDISCIPLINARY PET GROUP COPING WITH LGBTPHOBIA IN SCHOOLS OF BELÉM-PA

Romário da Rocha Sousa
UFPA
romario.rsousa@hotmail.com

Soraya Ferreira da Silva
UFPA
soraya.ufpa@gmail.com

Mickaely de Lima Gomes
UFPA
mikaely.gomes.ml@gmail.com

Rafael José de Oliveira Leite
UFPA
rafaelleitelb@gmail.com

Genylton Odilon Rêgo da Rocha
UFPA
genylto@gmail.com

RESUMO: A realidade escolar tem sido objeto de estudo de diversos profissionais e autores, mas pouco se tem feito com relação à violência LGBTfóbica que afeta todos os estudantes, independentemente de ser LGBT ou não. O medo de ser associado ao tema, o conservadorismo crescente, além do pavor de desviar os estudantes do padrão, acaba silenciando a discussão da LGBTfobia no espaço escolar. O objetivo deste artigo é discutir a questão da LGBTfobia no espaço escolar e refletir sobre as dificuldades e conquistas que o projeto do Grupo PET Interdisciplinar obteve nas escolas públicas de Belém do Pará, para intervir neste tipo de violência. A metodologia da intervenção consistiu inicialmente no preparo teórico e didático dos bolsistas envolvidos no projeto. Subsidiados, os envolvidos chegaram nas instituições e realizaram o debate sobre o tema com estudantes. A intervenção trouxe significativos resultados para o Grupo PET Interdisciplinar, devido as experiências, mas a grande conquista foi estimular os estudantes a falar sobre questões de gênero e sexualidade, sobre LGBTfobia e respeito às diferenças. Também foram progressos o fato dos jovens ampliar o conhecimento sobre as identidades de gênero e orientações sexuais, o de sensibilizar, de desmistificar crenças, tabus, esvair-se dos preconceitos, dos medos e o ato de quebrar o silêncio.

PALAVRAS-CHAVE: LGBTfobia; escola; enfrentamento.

ABSTRACT: The school reality has been a subject of study of many professionals and authors, but little has been done with respect to LGBTfóbica violence that affects all students, regardless of being LGBT or not. The fear of being associated with the theme, the growing conservatism, in addition of dread to divert students of the standard, ends silencing discussion of LGBTphobia in space. The purpose of this article is to discuss the issue of LGBTphobia in space and reflect on the difficulties and achievements that the project of Group PET Interdisciplinary obtained in public

schools of Belém do Pará, to intervene in this type of violence. The methodology of the intervention was initially in the theoretical and didactic preparation of the scholars involved in the project. Subsidized, the involved arrived in the institutions and conducted the debate on the topic with students. The intervention brought significant results to the Group PET Interdisciplinary, due to its experiences, but the great achievement was to encourage students to talk about issues of gender and sexuality, about LGBTphobia and respect differences. Also, been progress the fact of youth expands understanding of gender identities and sexual orientations, to raise awareness, to demystify beliefs, taboos, dispel out of prejudices, fears and the Act of breaking the silence.

KEYWORDS: LGBTphobia; school; coping.

INTRODUÇÃO

Falar de sujeitos de identidades de gênero e de sexualidades fora do padrão social coloca em xeque valores e crenças que durante muito tempo foram sendo construídos e estabelecidos como normais e naturais. Tais indivíduos estão à margem das preocupações de uma sociedade privilegiada que se intitula normal. A escola é um dos principais espaços onde as sexualidades e identidades de gênero não-hegemônicas sofrem com o silenciamento, discriminação e violência que lésbicas, *gays*, bissexuais e transgêneros – LGBTs, passam cotidianamente. Junto a isso, essa negligência da realidade LGBT nesses espaços é acompanhada pelo medo de falar desses sujeitos. Medo de “influenciar” uma sexualidade e identidade de gênero nos estudantes, receio causado pelo tabu e pavor de ser associado ao tema.

Quando o assunto “LGBTfobia”⁵ chega nas escolas – isso quando chega, alguns avanços no enfrentamento desse tipo de violência nesse espaço são conquistados, mas também são observados alguns retrocessos, como quando é inviabilizado a discussão do tema ou até mesmo quando adentra a escola é permeada pelo medo, receio e vigilância durante as intervenções com os estudantes.

Ainda assim, o Grupo PET Interdisciplinar⁶ planejou e executou ações no ano de 2018 que articularam o ensino, a pesquisa e a extensão para o

⁵ Utiliza-se neste trabalho a expressão “LGBTfobia”, uma vez que como alguns autores se atentam (FEITOSA, 2016; SANTOS, 2018) e o próprio movimento LGBT reivindica em sua 3ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Direitos Humanos LGBT, realizada no ano de 2016 em Brasília-DF, também compreendo que o termo “homofobia” não visibiliza todos os indivíduos que sofrem com o preconceito de identidade de gênero e orientação sexual. Como essa questão do termo é recente, por mais que os autores cite “homofobia” para se referir ao preconceito contra LGBTs, entenda-se como LGBTfobia.

⁶ O grupo PET Interdisciplinar Conexões de Saberes, da Universidade Federal do Pará, é composto por um tutor e doze bolsistas de diferentes cursos de graduação. Desde 2017, desenvolve ações voltadas ao enfrentamento das violências praticadas contra crianças e adolescentes, no projeto “PET Conexões De Saberes: Ações colaborativas entre a universidade e escolas públicas para o enfrentamento das violências contra crianças e adolescentes”.

enfrentamento de 3 tipos de violência contra crianças e adolescentes em escolas públicas na cidade de Belém-PA: a sexual, étnico-racial e LGBTfóbica.

O silêncio, o medo, os obstáculos encontrados e as conquistas alcançadas em tratar a temática LGBT e a violência voltada para esse público nas escolas de Belém, são situações que puderam ser observadas, analisadas e refletidas pelos componentes que atuaram para o enfrentamento da LGBTfobia nos espaços de educação. As experiências, tanto positivas quanto negativas, e as reflexões construídas durante as intervenções estarão sendo discutidas teoricamente, entretanto se faz necessário realizar inicialmente a explanação da problemática dessa violência e a compreensão da metodologia utilizada para o preparo dos bolsistas e da construção da intervenção.

As identidades de gênero e orientações sexuais na sociedade

Compreender a escolarização excludente, violenta e discriminatória encarada por estudantes LGBTs, implica primeiramente conceitualizar identidades de gênero e de sexualidade para conhecer esse público. Nos termos definidos pelos Princípios de Yogyakarta (2007), identidade de gênero está

[...] referida à experiência interna, individual e profundamente sentida que cada pessoa tem em relação ao gênero, que pode, ou não, corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo-se aí o sentimento pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, inclusive o modo de vestir-se, o modo de falar e maneirismos;. (PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA, 2007.)

Gênero é uma maneira de ditar e separar os papéis, as performances, os comportamentos – principalmente sexuais, esperados para cada um a partir de sua diferença biológica. Ele é uma imposição da sociedade, uma construção social, uma maneira de fazer com que um indivíduo se assuma homem por ter pênis ou mulher por ter vagina, com atuações necessárias para cada um se afirmar como tais (JESUS, 2012; BUTLER, 2003; LOURO, 1997). A identidade de gênero tem a ver com aceitar ou não os ditames sociais sobre a forma como se identifica. Os transgêneros, por exemplo, são pessoas que não se veem e/ou se expressam com o gênero socialmente lhe designado, imposto pela característica biológica.

Independente da identidade de gênero de qualquer pessoa, os indivíduos podem se sentir atraídos por um gênero, oposto ao seu ou não, ou pelo

masculino e feminino ao mesmo tempo⁷. Ou seja, sendo cisgênero ou transgênero, um indivíduo pode possuir qualquer orientação sexual, sendo heterossexual, homossexual ou bissexual. Segundo Jesus (2012, p. 13), identidade de gênero e orientação sexual “podem se comunicar, mas um aspecto não necessariamente depende ou decorre do outro. Pessoas transgêneros são como cisgêneros, podem ter qualquer orientação sexual [...]”.

A única via de ser encarado como normal, dentro do padrão e coerente à natureza é se um indivíduo assume indissociavelmente uma identidade de gênero e de orientação sexual dentro do exigido e valorizado pela sociedade. Em outras palavras: sendo cisgênero e heterossexual. De resto, tudo o que foge dessa linha é jogado para a marginalidade, taxado como antinatural, anormal, considerada até pouco tempo pelas ciências médicas como doença e até hoje vista como abominação e “coisas demoníacas” por muitas congregações religiosas judaico-cristãs (TORRES, 2010).

Os sujeitos de identidade LGBT não se encaixam nas expectativas sociais estabelecidas, não se adequam na sequência que prega uma lógica linear de sexo, gênero e sexualidade (LOURO, 2004; BUTLER, 2003). BUTLER (2003) argumenta que essa lógica que se vê “coerente e contínua” de sexo-gênero-sexualidade, buscar organizar e normalizar os indivíduos, atribuindo ao sexo – masculino ou feminino, um gênero – homem ou mulher, e este, por sua vez, leva naturalmente à uma sexualidade – a heterossexual. A heterossexualidade e a cisgeneridade são tomadas, então, como compulsórias por essa ideologia, onde os indivíduos normais andam nesta linha (BUTLER, 2003). Fugir da mesma é caminhar para a marginalidade, para um grupo de pessoas que são vistos e tratados como não-humanos (BENTO, 2011)

Tomados por minoria social, os LGBTs são constantemente desrespeitados, violentados, negligenciados e indesejados em muitos espaços devido suas identidades. Ainda sim, é incontestável afirmar que nos dias atuais há alguns pequenos avanços sociais que trouxeram melhores condições de vida e uma melhor visibilidade dessas pessoas em sociedade, como sua crescente presença na mídia, tratados internacionais e algumas políticas públicas para atender suas demandas, mas em outros lugares, como a escola, a temática

⁷ Há também aqueles que se sentem atraídos por todas as pessoas independente de sexo ou gênero - pansexuais, assim como indivíduos que não sentem atração por nenhum outro indivíduo – assexuais.

LGBT só parece ser necessária se for para reproduzir os discursos e práticas da sociedade que segrega, ridiculariza e agride o outro, ao invés de ser útil para promover debates e ações que visam o respeito às diferenças e a busca da igualdade entre as sexualidades. Superar pré-conceitos, os medos de falar sobre o assunto e romper o silêncio ocasionado pelo tabu, desfaz uma cultura de violência que tem como alvo pessoas LGBTs. E a escola precisa ser um espaço em que isso ocorra.

A importância do enfrentamento da LGBTfobia nas escolas

A trajetória escolar para muitos estudantes fora dos padrões de gênero e de sexualidade não raro é perpassada por situações desagradáveis e hostis nas instituições de ensino, derivadas pela fobia contra LGBTs. Segundo Torres (2010), o preconceito consegue se enraizar nas pessoas por crenças deturpadas e disseminadas por várias instituições sociais, como família, igreja e comunidade. A escola não está imune a ser contagiada pelas mesmas. Para superar essas crenças que limitam o conhecimento sobre a população LGBT, é necessário que se questione, problematize e amplie o debate de gênero e sexualidade (TORRES, 2010). Porém,

muitas vezes essas questões circulam pouco nos espaços formais de educação. Geralmente, o preconceito é tão forte que, se alguém fala sobre elas, já passa a ser considerado *gay*, lésbica, etc. O medo de muitos de ser associado à diversidade sexual provoca uma seleção de temas extremamente preconceituosa [...]. (TORRES, 2010, p. 55, grifo do autor).

O silenciamento ante às violências cometidas contra estudantes LGBTs provoca uma permissividade para que essas ocorrências encontrem respaldo e se ampliem descontroladamente. Esse cenário chega à um grau tão deplorável que tanto quem é assumidamente LGBT, quanto quem se reserva no “armário”, e até heterossexuais que fogem do padrão de expressão de gênero, arcam com o preconceito e a discriminação movidos pela heteronormatividade.

O medo e o silenciamento de falar sobre o assunto ou mesmo de demonstrar sensibilidade pelo sofrimento do outro, acaba provocando um clima de alheamento das emoções, que culmina na falta de compaixão e empatia. Segundo Junqueira (2009, p. 28), esse estado de indiferença ao outro “[...] anestesia as sensibilidades em relação às injustiças, conduz à naturalização do inaceitável [...]”. Ou seja, com essa insensibilidade no ambiente escolar parece

que para muitos chega a ser “normal” o ato de fazer piadas, xingar, agredir fisicamente e ameaçar pessoas LGBTs, ou até alguém que “pareça ser”. Segundo Junqueira (2009),

A falta de solidariedade por parte de profissionais, da instituição e da comunidade escolar diante das mais corriqueiras cenas de assédio moral contra estudantes LGBT pode produzir ulteriores efeitos nos agressores e nos seus cúmplices. Além de encorajados a continuarem agindo, aquiescendo ou omitindo-se [...]. (JUNQUEIRA, 2009, p. 27).

Podemos melhor analisar a real e grave situação da LGBTfobia nas instituições de ensino através de alguns estudos realizados no Brasil. Uma pesquisa realizada pela Unesco nas escolas brasileiras, com mais de 24 mil participantes, demonstrou que 39,6% dos estudantes masculinos declararam não desejar em sua sala de aula um colega que fosse homossexual. 35,2 % dos responsáveis desses alunos, alegaram que não gostariam que seus filhos tivessem contato com alguém LGBT em sala. (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004).

Um outro estudo realizado em 2015 e divulgado no ano seguinte, pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, intitulada como Pesquisa Nacional Sobre o Ambiente Educacional no Brasil (ABGLT, 2016), revelou que dentre 1.016 estudantes LGBTs, 60% deles não se sentem seguros na escola, 73% relatam agressões verbais devido a orientação sexual, 68% sofreram agressões verbais devido sua identidade/expressão de gênero, 35, 8% expuseram violências físicas e 64% deles desconheciam ou declararam não haver no regulamento qualquer tipo de acolhimento em casos de violência. Além disso, de acordo com o levantamento, os estudantes LGBTs que sofriam mais agressões faltavam duas vezes mais as aulas que aqueles que sofriam menos, violências essas onde quase 54% dos estudantes LGBTs afirmaram que os profissionais da educação, cientes da situação, nunca intervieram nas agressões verbais.

Nos parece que tratar de questões de gênero e sexualidade, que objetiva subverter a triste e revoltante realidade educacional que muitos LGBTs enfrentam, acabam se tornando, segundo Furlani (2007), um “monstro”, sendo necessário a criação de uma série de mitos e crenças para que o mesmo seja temido e combatido por todos. Esse “monstro” no currículo da educação básica acaba desestruturando as construções sociais criadas sobre ser homem e mulher, sobre como cada um deve se portar na sociedade, se relacionar e sobre

como pensar a questão das diferenças sexuais e de gênero. É essa monstruosidade que questiona as crenças, os discursos e as práticas discriminatórias. É temida e combatida justamente por que fere as hierarquias construídas sobre os ditos anormais. Os anormais são taxados como contrários, mas ao mesmo tempo são necessários para circunscrever a normalidade dos que se intitulam como tais. Então, é necessário que se tema aquilo que desestabiliza essa relação de poder, estabelecendo fronteiras entre a “anormalidade” e o “normal”.

Mas como enfrentar aquilo que é temido, cerceado por mitos, discursos, silêncios, crenças infundadas? Como fazer do “bicho-de-sete-cabeças” um instrumento para o enfrentamento das desigualdades de gênero e sexualidade? É fato que diante de inúmeros dispositivos que são acionados para que se permaneça as relações de poder (FOUCAULT, 1987), subverte-los é tarefa árdua e exige uma pedagogia que irá contra a configuração escolar construída por décadas, quebrando o pacto do silêncio, mas que garantirá a dignidade, a harmonia e o bom desempenho de todos os estudantes, sendo LGBTs ou não (TORRES, 2010).

Diante disso, é necessário que se ponham em discussão, em questionamento as construções históricas sobre gênero e sexualidade, sobre a anormalidade criada nos LGBTs, desmistificar as identidades taxadas de “estranho” e “aberração”. Reconhecer que na escola há sujeitos de diferentes orientações sexuais e de identidade de gênero que merecem visibilidade se torna um passo inicial e fundamental para garantir que sejam respeitados e sujeitos dignos de cidadania. Segundo Torres (2010),

Especificar essa questão é questionar como travestis, gays e lésbicas são humilhados e constrangidos sem que os agentes desses atos reconheçam essa situação. Não compreender isso como afronta à dignidade humana é propiciar permissões culturais que chegam ao assassinato e agressões físicas tão comuns em relação a essa população em nosso país. Estranhar esses comportamentos de humilhação, nomeá-los como atentado à dignidade humana, reconhecer os direitos dessas pessoas, etc. são modos de transformar e combater a homofobia. (TORRES, 2010, p. 44)

Estranhar a educação, seus discursos e práticas, a sua pedagogia da sexualidade, é fornecer e impulsionar o pensamento crítico sobre as configurações sociais que pregam um modelo de sociedade em que muitos são marginalizados, agredidos e excluídos por não se adequarem a lógica de sexo-gênero-sexualidade. Por isso, o Grupo PET Interdisciplinar encarou o desafio de

levar a discussão sobre gênero e sexualidade para escolas públicas de Belém do Pará, para enfrentar a LGBTfobia e desconstruir os argumentos que a instituíram nesses espaços. Caminhando entre dificuldades e conquistas, o trabalho contra a discriminação de estudantes LGBTs trouxe luz para desmontar o “monstro” na comunidade escolar.

O percurso metodológico até as intervenções

Frente à realidade dos estudantes que sofrem com LGBTfobia, amparados pelos dados nacionais, e até mesmo por experiências pessoais, o Grupo PET Interdisciplinar elaborou um projeto onde se executou durante o ano de 2018 ações que, através da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, buscou-se realizar nas escolas públicas da cidade de Belém do Pará ações para o enfrentamento dessa violência contra crianças e adolescentes.

Para o conhecimento da problemática, para empoderar e para fornecer subsídios teóricos que enriqueceriam e preparariam os envolvidos no projeto, inicialmente foram feitas sessões de estudos entre os bolsistas tematizando gênero e sexualidade, assim como sobre a questão da violência LGBTfóbica nas escolas, onde tais sessões se inseriam na categoria Ensino. Nesta categoria também foi acrescentadas oficinas para a aprendizagem de metodologias alternativas para abordar a questão da LGBTfobia, que puderam auxiliar na expressão corporal e na criatividade dos bolsistas para atuar em sala.

No que concerne à questão da Pesquisa, o Grupo realizou uma investigação do tipo Estado da Arte para conhecer produções científicas dos Programas de Pós-Graduação em 11 instituições na Região Amazônica sobre LGBTfobia nas escolas, entre os anos de 2014 a 2018. Infelizmente não foram encontrados trabalhos acadêmicos em todas as instituições sobre o tema, o que reduziu bastante a quantidade de achados. Percebe-se, desta maneira, que se carece de maiores aprofundamentos da comunidade acadêmica para estudar o assunto e explorar esse fenômeno com mais afinco, parecendo que o silenciamento, o medo e o desinteresse de tratar da temática têm estado enraizados também no ensino superior.

A atividade de Extensão se deu na ida para as escolas, carregando toda a bagagem acadêmica construída no Grupo e as experiências nas ações de Ensino e Pesquisa anteriores para dialogar com a comunidade escolar.

Inicialmente, constavam no planejamento 4 escolas da cidade de Belém-PA para se realizar as intervenções, entretanto, ao se realizar o contato com as escolas para verificar a disponibilidade em aceitar o projeto, muitas escolas se negaram, outras aceitaram, mas após algum tempo cancelavam a decisão. Desta forma, apenas 2 das 4 instituições que aceitaram a proposta a duras penas é que foi realizado o projeto. Uma outra instituição foi solicitada e o projeto de extensão conseguiu se finalizar com 3 escolas da periferia de Belém do Pará, após muitas dificuldades por parte das instituições em aceitar o tema. Com relação as duas primeiras escolas, as turmas que receberam o projeto foram estudantes do 9º ano do ensino fundamental e 2º ano do ensino médio. Na terceira escola, jovens de variadas turmas do ensino médio se inscreveram para participar da intervenção, uma vez que nesta instituição ocorria um circuito de oficinas no dia da realização do projeto.

O enfrentamento da LGBTfobia nas escolas de Belém-PA pelo Grupo PET Interdisciplinar Conexões de Saberes: dificuldades e conquistas

Como foi possível observar anteriormente, as dificuldades já se mostravam presentes antes mesmo de se realizar as intervenções nas escolas. O Grupo lidou com muitas desculpas dadas pelas escolas quando se apresentava o projeto de enfrentamento à LGBTfobia, uma delas era dada pela direção de uma instituição de ensino que afirmou que “não seria possível realizar as oficinas, devido aos tempos atuais”. Entendeu-se que a crescente onda de conservadorismo que tem atuado no Brasil era o que estaria inviabilizando a discussão com os jovens estudantes sobre o tema, causando um medo da escola sofrer represálias, perseguições e pavor da mesma ser associada de alguma forma com a “destruição da família”, com a “extinção de homens e mulheres autênticos” e de ir “contra os valores religiosos”, como teme a onda conservadora. A mentalidade dessa vertente política e ideológica é sustentada pelo medo onde

a mera menção da homossexualidade vá encorajar práticas homossexuais e vá fazer com que os/as jovens se juntem às comunidades gays e lésbicas. A ideia é que as informações e as pessoas que as transmitem agem com a finalidade de “recrutar” jovens inocentes [...]. Também faz parte desse complexo mito a ansiedade de que qualquer pessoa que ofereça representações gays e lésbicas em termos simpáticos será provavelmente acusada ou de ser gay ou de promover uma sexualidade fora-da-lei. Em ambos os casos, o conhecimento e as pessoas são considerados perigosos, predatórios e contagiosos. (BRITZMAN, 1996, p. 79-80).

Devido a pressão exercida por grupos conservadores, o medo⁸ de se discutir gênero e sexualidade na sociedade acaba fortalecendo o silenciamento das instituições de ensino com relação a violência praticada contra LGBTs. Fica parecendo que deixar de falar desses assuntos, fará com que questões relativas a gênero e sexualidade fiquem do lado externo dos muros escolares, quando na verdade estão na instituição por que faz parte da subjetividade dos jovens (LOURO, 1997).

Quando o desafio não se dava em adentrar a escola para executar o projeto do Grupo, ocorria o constrangimento dos bolsistas por alguns sinais claros de vigilância e controle da instituição para evitar ou mapear “exageros” ou “coisas impróprias” para os jovens, levando-se a pensar que a administração escolar não se dava ao trabalho de ler o projeto, entregue antes do dia agendado para a intervenção, e que o medo de temas que vão de encontro às construções sociais e da cultura heteronormativa. Essa inferência se apoia no ato de que a todo momento dos diálogos e atividades executadas pelo projeto, outras pessoas, além das designadas pela direção, inspecionar a execução das ações e confiscar os materiais informativos distribuídos. Ou seja, tudo e todos estavam suscetíveis a teoria panóptica de Foucault (1987), onde a vigilância rodeava a intervenção a todo momento.

O medo de que os estudantes “se tornassem” homossexuais, bissexuais e transgêneros acabara colocando em contradição a normalidade e naturalidade pregada em volta da heterossexualidade, pois sendo ela legítima e inata ao ser humano “por que haveria a necessidade de tanto empenho para garanti-la? Por que ‘vigiar’ para que os alunos e alunas não ‘resvalam’ para uma identidade ‘desviantes’?” (LOURO, 1997, p. 81, grifos da autora). Pastana (2017, s.p.), ao falar sobre ações que envolvem gênero e sexualidade com adolescentes, afirma ser “comum que, no início de um projeto, emergem reações como resistências, desconfortos, culpas, vergonhas, que evidenciam como são marcantes essas trajetórias de aprendizado sobre a sexualidade como uma questão proibida.”.

Ao contrário do que era temido, tanto por aqueles que evitaram a discussão da LGBTfobia em suas escolas, quanto por quem a vigiou para evitar

⁸ Como exemplo, percebe-se na notícia “Lobby conservador retira igualdade de gênero do Plano Nacional de Educação”. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2014/04/lobby-conservador-retira-igualdade-de-genero-do-plano-nacional-de-educacao-5214.html>. Acesso em: 02/01/2019.

que “o monstro” ganhasse formas assustadoras, o projeto de extensão levou conhecimento e aprofundamento dos conceitos dos estudantes acerca do preconceito contra pessoas de diferentes orientações sexuais e identidades de gênero, sempre partindo por aspectos da realidade local, fazendo sentido e conexão com as vivências dos jovens.

A execução nas duas primeiras escolas se deu em dois dias em cada, na terceira foi disponibilizado para o Grupo apenas um dia. Nos encontros houve a apresentação dos trabalhos que o Grupo realiza, diálogos para que se conhecesse a compreensão dos jovens sobre o fenômeno da LGBTfobia na sociedade e na escola, reprodução e discussão de vídeos, dinâmicas e confraternização do Grupo com os jovens ao final. A todo momento, houve a preocupação de horizontalizar as relações entre o Grupo e os estudantes, mesmo que todos ali presentes fossem jovens, para criar um clima de descontração e abertura dos jovens para o diálogo. Seffner (2009, p. 137), ao elencar pontos que permitem a inclusão da discussão da diversidade na escola, afirma que é necessário “ter criatividade para fazer emergir o tema de muitas maneiras e especialmente articulado com os interesses dos alunos e com as situações por eles vivenciadas.”

Devido ao Grupo adotar uma linguagem próxima e compreensível pelos estudantes, a maioria deles, ao ganharem confiança, se desprenderam da timidez e vergonha, que normalmente se tem por estar diante de um público, ainda mais onde se tem pessoas desconhecidas – como os bolsistas do projeto.

Em uma das falas, uma estudante relatou sua vivência em casa, na rua e na escola. A estudante emocionada, durante um momento de diálogo do projeto, revelou para os amigos que era bissexual e que era violentada psicologicamente pelas agressões verbais de cunho discriminatório tanto por sua família, quanto pelos colegas de sala. Durante seu desabafo, alguns alunos expressavam risos e faziam cochichos sobre a situação, sem que a profissional presente em sala intervisse. Através dessas formas de opressão por parte dos alunos e de omissão da profissional, e da escola em geral que “tapa os olhos” para a realidade da estudante, concorda-se com o que Louro (1997) diz sobre ocultar e negar as diferenças no espaço escolar, onde

Ao não se falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda “eliminá-los/as, ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas “normais” os/as conheçam e possam desejá-los/las. Aqui o

silenciamento – a ausência da fala – aparece como uma espécie de garantia da “norma”. [...] A negação dos/as homossexuais no espaço legitimado da sala de aula acaba por confiná-los às “gozações” e aos “insultos” dos recreios e jogos, fazendo com que, deste modo, jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejáveis ou ridículos. (LOURO, 1997, p.67-68, grifos da autora)

Passados alguns dias, a mesma estudante revela para o Grupo PET Interdisciplinar o quanto ele a ajudou a se sentir bem com sua sexualidade e o quanto o mesmo contribuiu para ela “se aceitar” sem culpa e medo. Levando a mensagem do respeito e da empatia, o Grupo foi percebendo as conquistas em promover o debate e em construir com os estudantes conhecimentos afim de superar medos e crenças, quebrando o silêncio e o tabu em torno das identidades de gênero e de orientações sexuais.

É típico dos adolescentes e jovens estudantes o interesse e a curiosidade sobre assuntos relacionados ao campo da sexualidade, e alguns poucos sobre gênero. Nas escolas visitadas os estudantes demonstravam em seus comportamentos e discursos a vontade de falar e conhecer os assuntos abordados, como estereótipos de gênero, orientação sexual e identidade de gênero, sobre a violência contra LGBTs, onde todos esses serviam de base para falar de LGBTfobia escolar. O Grupo se surpreendeu com o interesse e a participação massiva de todos os jovens, ainda mais de uma grande parcela de rapazes, onde os mesmos frequentemente são atribuídos como principais autores da LGBTfobia na escola, os quais dão provas constantes de masculinidade, bravura e virilidade às custas das agressões contra a pessoa LGBT – ou ainda alguém que, mesmo sendo heterossexual, foge do considerado “normal” (JUNQUEIRA, 2009; LOURO, 1997). Contudo, o projeto conseguiu alcançar com os rapazes sensibilidade, proporcionando aos mesmos falar e retirar dúvidas sobre o tema, muitos destes demonstravam empatia com o outro e emoções pelos vídeos reproduzidos.

A enorme receptividade que o tema proposto teve nos estudantes pode ser explicado pela surpresa que temas do tipo gera para os jovens, onde essas pautas resultam em curiosidades e dúvidas, estas são rotineiramente cerceadas por restrições e tabus, além de proibições, inibições e silenciamentos (PASTANA, 2017). Talvez isso explique o fato onde uma das escolas trabalhadas, em que se realizava no dia um circuito de oficinas na instituição, a intervenção do Grupo PET Interdisciplinar foi a que obteve maior público de

estudantes, os quais se inscreviam na oficina desejada. Ferreira e Araújo (2005), ao discutir em sua pesquisa gênero e sexualidade no espaço escolar, dizem que, com relação ao medo conservador e o silêncio provocado sobre o assunto na educação,

há algo mais urgente e imperioso e que deve ser alvo de nossa atenção: referimo-nos ao interesse demonstrado pelos jovens em discutir este tema [...] nas instituições escolares. Curiosamente eles nos revelam que confiam na escola como um espaço de liberdade, onde tabus e mitos possam ser postos a prova. Acreditamos que esta confiança não pode ser desconsiderada. Ao contrário, deve ser valorizada, uma vez que pode funcionar como alavanca que revitalize a educação em nosso país. (FERREIRA e ARAÚJO, 2005, p. 4).

O Grupo PET Interdisciplinar recebeu agradecimentos de alguns profissionais da educação e dos estudantes, onde muitos dos quais ao agradecerem pessoalmente solicitavam o retorno do Grupo com mais atividades sobre o enfrentamento da LGBTfobia novamente, visto o impacto que a intervenção teve para os participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: entre prós e contras

Quando o Grupo PET Interdisciplinar aprofundou o conhecimento sobre a problemática da LGBTfobia e decidiu intervir essa realidade pelas escolas de Belém, não se imaginava que pudesse haver tantos desafios, dificuldades e impedimentos a ser enfrentados. Tantas situações de preconceito, de falta de informação e medo do assunto por parte das instituições. Ou seja, tinha-se compreensão teórica e até de experiências vivenciadas pelos bolsista durante sua escolarização na educação básica, porém encarar a dimensão deste fenômeno enquanto sendo o Grupo que o entreviu, ou tentou intervir em alguns casos, foi uma experiência inimaginável e de trabalho árduo. Às vezes, até revoltante, devido ao silenciamento, omissão e proibição do tema. Tantas foram as ligações telefônicas, idas às coordenadorias pedagógicas das escolas e mensagens por celular para apresentar e discutir a importância da execução do projeto para os estudantes, mas ainda assim muitos “não será possível” e “veremos o que pode ser feito” foram ditos.

Mesmo com um notável receio de alguns profissionais por causa do tema, as escolas que receberam o projeto puderam proporcionar aos jovens momentos de conhecimento, esclarecimentos, desabafos e descontração no debate e nas

dinâmicas, sensibilizando e fazendo os estudantes refletir sobre a violência LGBTfóbica na escola e na sociedade.

Feito as devidas ponderações, todo o esforço empregado para levar essa discussão nas escolas de Belém repercutiu de maneira positiva para os estudantes, alcançando grandes conquistas como já dito. Todo o empenho que pode ser realizado na educação para melhorar as relações sociais na escola, trazendo dignidade para os que são silenciados e de identidade temida, é válido. É necessário que haja, de maneira contínua e em todas as etapas da educação, a promoção de intervenções nas instituições de ensino para frear a humilhação, a violência, o constrangimento e a discriminação contra os LGBTs, ou qualquer outro estudante que fuja da norma. Por isso, torna-se imprescindível que os portões das escolas estejam abertos para conhecer, discutir e encontrar saídas contra o preconceito de identidades de gênero e de orientação sexual.

O Grupo PET Interdisciplinar entende que o primeiro passo a se dar para superar o medo de falar no espaço escolar sobre LGBTs, gênero e sexualidade, é possibilitando o conhecimento e diálogo sobre o assunto, na esteira da democracia e laicidade, longe de achismos e de convicções pré-concebidas. Dessa forma, a escola nadaria em contradição, pois sendo ela própria quem produz e reproduz as desigualdades, que geram a LGBTfobia, é também ela quem poderia e pode desestruturar as práticas pedagógicas excludentes, a hierarquia de poder existente de gênero e sexualidade, discursos e mitos circundantes nesse campo. Dessa forma, fará com que o medo do “monstro”, criado pelos conservadores em relação a diversidade (FURLANI, 2007), perca força e dê lugar para que estudantes Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros possam superar a triste e revoltante realidade de violência LGBTfóbica nas escolas e conquistar seus espaços na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABGLT- Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais.** Curitiba: ABGLT, 2016.
- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 548-559, maio/ago. 2011.
- BRITZMAN, Deborah. O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan./jun. 1996.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventudes e sexualidade**. Brasília-DF: UNESCO, 2004.

FERREIRA, Marília Gabriela de Souza; ARAÚJO, Érica Cordeiro de. Gênero e Sexualidade no espaço escolar: considerações sobre a orientação sexual. **27ª Reunião Anual da ANPEd**. CAXAMBU – MG, 21 a 24 de novembro de 2004. (GT-23 gênero, sexualidade e educação). Disponível em: <http://27reuniao.anped.org.br/ge23/p234.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

FURLANI, Jimena. Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexual. **Educação em revista**, v. 46, p. 269-285, 2007.

JESUS, Jaqueline Gomes de. 2012. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Disponível em: <http://www.diversidadesesexual.com.br/wpcontent/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>. acesso em: 27 nov. 2018.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia na escola: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. (org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: UNESCO, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. São Paulo: Vozes, 1997.

PASTANA, Marcela. **Sexualidade, gênero e materiais educativos**: Sugestões para projetos com adolescentes. 2017. Disponível em: <https://psibr.com.br/colunas/sexualidade-e-genero/marcela-pastana/sexualidade-genero-e-materiais-educativos-sugestoes-para-projetos-com-adolescentes>. Acesso em: 01 jan. 2019.

PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA. 2007. **Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero**. Disponível em: http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/principios_de_yogyakarta.pdf. Acesso em: 27 nov. 2018.

SEFFNER, Fernando. Equívocos e armadilhas na articulação entre diversidade sexual e políticas de inclusão escolar. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. p. 125-139. Brasília: Ministério da Educação / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade / UNESCO, 2009.

TORRES, Marco Antônio. **A Diversidade Sexual na Educação e os Direitos LGBT na Escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

Recebido em 7 de setembro de 2019.
Aceito em 24 de setembro de 2019.